



Home ▶ Números Anteriores ▶ Número 5 / 2010

Editorial

MENU

- Home
- Número 8
- A Revista
- Números Anteriores
 - Número 7 / 2011
 - Número 6 / 2011
 - Número 5 / 2010
 - Editorial
 - Artigos
 - Equipe editorial
 - Número 4 / 2010
 - Número 3 / 2009
 - Número 2 / 2009
 - Número 1 / 2008
- Seminários de Pesquisa
- Notícias
- Links
- Quem somos
- Blog: Reincidentes
- Instruções para Autores
- Próximos números
- Escrituras do Espaço -
- Parte 1
 - Participe da Criação & Crítica



Revista Criação & Crítica n. 5

Morrer de escrever

*24.04.2010 †15.10.2010

Neste mausoléu jazem os corpos dos membros da família número 5 da Revista Criação & Crítica. Os primeiros seis jazigos correspondem a artigos críticos: cinco tratam sobre autores mortos que, antes de morrer, mataram também a sua escritura; já o sexto trata o autor como um cadáver e propõe uma reflexão crítica desvinculada do objeto. Alguns passos depois, encontramos covas comuns, diálogos críticos em forma de tradução e resenha. Nos jazigos do

fundo, descansam os restos dos membros malditos de nossa família: aqueles que, não contentes com a morte do autor, tomaram o seu lugar e propuseram ficções, experimentações e poemas, e acabaram também matando o nosso projeto inicial de revista estritamente acadêmica. Em cinzas, nossa revista não tem outra saída senão esvoaçar lepidamente e se espalhar mundo afora para procurar outras formas de brincar de escrever.

01

Feminina, animal, híbrida, cindida, e, antes de tudo, esquiva a qualquer conceito: assim foi descrita a morte poética em **Máscaras mortuárias em Hilda Hilst**, de Rodrigo Santos de Oliveira. Um inusitado percurso, que se iniciou com uma análise da imagem da morte no livro *Da morte. Odes mínimas* e terminou com as aventuras do autor em um cemitério em Campinas à procura do túmulo da escritora.

02

Escrever para contar que deseja morrer ou viver porque deve escrever? Esse conflito colocado por Arguedas foi o guia da leitura proposta por **Entre Huayronqos e Ayawantus: o ciclo de vida e morte no projeto Literário de José María Arguedas**, de Roseli Barros Cunha. Uma crítica póstuma, já que a obra do autor foi analisada a partir de sua morte, ou a partir de seu suicídio.

03

Sepulcro múltiplo: quatro mãos traçaram em **Uma cifra três vezes alheia: o alheamento poético, editorial e tradutório no Livro do Desassossego**, de Fernando Pessoa, Ana Paula de Bortoli e Lígia Maria Winter, os descaminhos de um conjunto desconjuntado redigido durante toda uma vida e que não ganhou corpo editorial senão após a morte, existindo sempre em tintas, rasuras e ordenações de outrens: editores, tradutores, o outro que há sempre no eu pessoano.

04

Um verme no globo ocular em **O cadáver, um emblema da morte em “Ápeiron” de Caio Fernando Abreu**, de André Luiz Gomes de Jesus, dissecou metodicamente um ponto de vista do tratamento da morte, condição humana inextrincável da noção de existência.

05

Mitemas do drama agro-lunar em Comedia sin título de Lorca, de Sueli Maria de Oliveira Regino, buscou transcender a morte lorquiana delineando suas vísceras simbólicas na vida-obra. Traçou raízes axiais literárias na prática metateatral shakespeariana e rizomáticas na história contemporânea ao ato único de uma peça interrompida pelo óbito.

06

Em seu amplo espectro, **Ética, finitude e poesia: uma interpretação poético-ontológica da literatura e da morte**, de André Lira, entrelaçou filosofia, literatura e narrativa para levantar pontas no novelo mais antigo que o ser humano procura desvelar.

07

Escrever como

08

Exumando linhas

09

Aqui descansam os

sintoma, uma conferência do psicanalista Jean-Pierre Lebrun, traduzido e apresentado por Paulo Sérgio de Souza Jr., mostrou como escrever é sempre um assassinato e a solidão é sempre uma invenção.

manuscritas, a resenha **Roland Barthes. A dor do luto**, de Rodrigo Fontanari, apresentou o *Diário de luto* materno, situando-o com relação à prática escriturária afetiva, cotidiana e minimalista do escritor francês.

restos de Josefo Camilo, fundador da Academia Valadarense de Letras, ex-secretário municipal da educação e cultura, exímio discursador. Ao se matar, deixou um parco bilhete: “cada um tem a lápide que merece”.

Algo esvoaça lépido no ar estagnado deste mausoléu: um conjunto orgânico de quatro poemas, tinta ainda fresca e palpitante. Talvez **Misantrópolis**, de Isadora Machado, consiga escapular antes que seu papel comece a amarelar e desfazer-se pela mera copresença dos outros textos defuntos... ou preferirá empalidecer para conquistar a eternidade em mármore com moldura oval..?

Claudia Amigo Pino

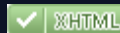
Priscila Pesce Lopes de Oliveira

[Próximo >](#)

Visitantes: 22,756



CSS



XHTML